

Nota biográfica do autor:

Jorge Loureiro Figueira (Nazaré, 1973) escreveu *À Espera de Beckett*, *Pequena História Trágico-Marítima*, *Xmas qd Kiseres* e *O Espantalho Teso*; e encenou *Contame Como É*, com textos de Pedro Marques, Jorge Palinhos e Sandra Pinheiro. Fez a Oficina de Escrita Teatral de Antonio Mercado, no TNSJ; o Seminário *Traverse Theatre*, com Enda Walsh e John Tiffany, nos Artistas Unidos; a Residência Internacional do *Royal Court Theatre*; e o Seminário de Escrita Teatral de J. S. Sinisterra, no Teatro Nacional Dona Maria II. Foi crítico teatral no *Público*, dramaturgo residente no *Teatrão* e diretor artístico do *Teatro Oficina*.

Título do texto:

RODA DO MOSTEIRO VELHO ou Centre Culturel Trans-disciplinaire du Mosteiro de São Salvador

Data e lugar de escrita:

2013-2015, Matosinhos

Esta Roda é a versão final do texto *Arruinados em Três Atos*, produzido pelo *Teatrão* em 2013

Número de personagens:

5 personagens masculinas, 6 femininas

5 membros de coro feminino

RODA DO MOSTEIRO VELHO

ou

Centre Culturel Trans-disciplinaire du
Mosteiro de São Salvador

Jorge Louraço

RODA DO MOSTEIRO VELHO

ou

Centre Culturel Trans-disciplinaire du Mosteiro de São Salvador

Cena – Um mosteiro em obras.

Personagens – Coro de Mulheres; Egas; Maria; Tagana; Padre; Madre; Branca; Vilhemina; Ágata; Pêro Manco; Alfredo; Manteigas.

ATO ÚNICO

A nave de uma igreja, num mosteiro em obras. Um grupo de mulheres arranja a igreja.

MULHER 1 – Onde estará o meu filho, deixado na roda com a outra metade de um aerograma, para o poder encontrar mais tarde?

MULHER 2 – Onde andará a minha filha, deixada na roda com a outra metade de um cravo?

MULHER 3 – Que será da minha cria, deixada na roda com a outra metade de uma chave?

MULHER 4 – Que será do meu rebento, deixado na roda com a outra metade de um cartão, para o poder reconhecer mais tarde?

MULHER 5 – Poderemos morrer sem revê-los?

MARIA – Onde estarão eles? Somos como atrizes que não entendem o papel.

EGAS (*Surgindo do escuro, com um maço de folhas manuscritas na mão. Deixa cair as folhas ao chão, com o nervosismo.*) – Eu peço a palavra... Sei o que sentem. Querem conciliar o presente com o passado.

MULHER 1 – Quem é este moço?

MULHER 2 – Não é o menino da...?

MARIA – E então?

EGAS – E se usarmos o teatro para ler o nosso destino e descobrir o papel de cada um de nós?

MULHER 3 – Como?

MULHER 1 – E atores?

MULHER 2 – E atrizes?

EGAS – Tenho na minha posse uma arma invencível. Um espetáculo de teatro sobre os nossos destinos. Só temos de reconciliar o Pêro Manco com o grupo. Quando souberem os papéis que tenho para eles, o Tagana, a Branca e a Manteigas não pensam duas vezes.

MULHER 3 – Isso não é assim.

MULHER 4 – Mas fazia-se, antigamente.

MARIA – Eu conheço-te, romeiro. Andavas atrás da sobrinha do Manco. Foi por tua causa que o grupo de teatro se esfrangalhou. Isso é tudo para impressionar a moça?

MULHER 4 – Isto lembra-me uma vez...

MULHER 5 – Nunca vi isso correr bem.

MULHER 2 – Deixa ouvir, não desconverses.

MULHER 1 – O rapaz pode ser que acerte.

MARIA – Podemos tentar. O melhor norte é o amor e este moço pensa com a agulha da bússola. De resto, toda a gente sabe: os pombinhos têm sentido de orientação.

MULHER 1 – Junta os atores. Talvez a peça nos mostre um caminho. Agora dá-nos licença, vamos para casa, ouvir o terço, na Renascença. Este padre não faz nada por nós. (*Saem, menos MARIA.*)

MARIA – Tu é que lhe fizeste o filho?

EGAS – Ela não teve filho nenhum!

MARIA – O certo é uma verdade: o Pêro Manco não queria que a sobrinha sustentasse um ator de província. Mandou a moça estudar para fora. Era uma criança. Mas agora voltou... e é uma mulher.

EGAS – Ela é virgem! (*Pausa.*) E eu também!... Prometi à Ágata que guardava a virgindade para ela.

MARIA – Mas achas que ela ficou à espera? Ai, se fosse eu, no estrangeiro, curso de teatro, loirinhos, olhos clarinhos, pele branquinha...

EGAS – Esse problema é dela. Quero juntar o grupo porque o texto que estou a escrever é um exemplo do rumo que a nossa sociedade pode seguir...

MARIA – Mau! Ainda estás a escrever? E a sociedade faz o quê, entretentes, fica à espera?

EGAS – Falta pouco! Tenho de acrescentar um ou dois números cómicos. E as histórias de amor. E a parte musical.

TAGANA passa apressado, vindo da rua.

EGAS – Tagana!

MARIA – Frei Tagana!

TAGANA – Filha!

EGAS – Camarada!

TAGANA – Maria, ainda bem que apareces, era mesmo contigo que eu queria falar. Ando para te mandar uma mensagem há que tempos, mas mudei de telemóvel, perdi os contactos. O presidente vem aí! Talvez passe aqui no convento para ver o andamento das obras. A dona Vilhemina quer oferecer uma amostra da culinária local, mas... eu só sei fazer doces conventuais.

EGAS – Tenho uma peça nova que nos vai levar à ribalta, Tagana!

TAGANA – Falamos mais tarde. Tenho de ir ver as obras da nave, acabou o cimento! Liga-me! Tu és uma santa... Tens de vir trabalhar para a casa dos santos.
(*Sai.*)

MARIA – Vamos atrás dele...

EGAS – Não percebo... fez de conta que não me estava a ver... O Tagana tem razões para estar farto do teatro... Só fazia animais nas peças do Pêro Manco. Consegue fazer a arca de Noé inteira, os machos e as fêmeas. Mas eu sempre o defendi!

MARIA – Anda.

EGAS – Mal falei da peça, pôs-se a andar!

MARIA – Que escuro. Frei Tagana!

TAGANA – Falem baixo, que isto aqui bate tudo no cimento das paredes e o eco ecoa tudo até às orelhas do abade. (*Para EGAS.*) Que história é essa? Não fales mais em teatro neste lugar! Eles estão muito nervosos, vem cá o presidente! Despedem-me, sem direito a nada! E tu andas a dizer a toda a gente que tens um papel para mim?!

EGAS – Mas tenho! Olha o papel que eu escrevi para ti...

TAGANA – Para mim?

EGAS – Sim... É a história de um grupo de amigos que se reencontram depois de muitos anos afastados...

TAGANA (*Comovido.*) – E tu escreveste de propósito para mim?

EGAS – Sim, podes fazer o Joaquim, é o mais macho deles todos.

TAGANA (*Cada vez mais comovido.*) – Para mim?... (*Cai nos braços de EGAS.*) Eu tinha tantas saudades tuas, puto! Deixa-me olhar bem para ti! Estás um homem! Um homem!!

MARIA – Um homem...

TAGANA – A Branca deve estar a chegar. Temos de falar com ela!

EGAS – A Branca vem aí?

TAGANA (*Recomposto.*) – E já está atrasada. Ela voltou para o moinho, todos os dias faz aqui a entrega de uns taludes de farinha, temos muito jesuíta para fabricar. Ela vai ficar tão contente... Tens um papel para ela, não tens?

EGAS – Claro que sim! Ela faz de Anita, é uma cabeleireira que não aguentou o empréstimo e teve de entregar o salão ao banco. O marido dela trabalha no banco. Ela quer emigrar. Ele não quer.

TAGANA (*Comovido.*) – Puto! Tenho tantas saudades de decorar um papel!... Ficar horas e horas à volta de uma frase que não se quer estampar na memória, usar uma caninha para bater nas minhas mãos quando me engano, pedir a alguém para me dar umas chicotadas quando troco as palavras!... (*Pausa.*) E para a Manteigas? Não te esqueceste da Manteigas... Ela está aqui ao lado, na vacaria. Ainda só tem uma vaca. Está à espera do apoio da União Europeia.

EGAS – Não me esqueci de ninguém!

TAGANA – E o Pêro Manco?

EGAS – Também não! Ele é o marido que não quer emigrar!

TAGANA – Ele anda a fazer animação cultural dos centros históricos, não sei se vem. E a Ágata?

EGAS – Ela tem o papel principal! É a vocalista da banda que eles criam para salvar a situação!

TAGANA – Espera... isto é por causa da Ágata?

EGAS – Não, isto é por nossa causa.

TAGANA – Pois... Mas sabes... Para ti é fácil, ainda és novo, mas eu tenho de cuidar dos meus!

EGAS – Mas quais teus?

TAGANA – Aqui é que eu tenho a minha família!

EGAS – Aqui é só monges e freiras!

TAGANA – Mas é a minha família!

EGAS – A tua família é o nosso grupo de teatro! Quem é que te deu a mão quando saíste do seminário?

TAGANA – Mas foi aqui que eu fui criado... a madre é como uma mãe para mim. Às vezes, chego a pensar se não será ela...

EGAS – Tu és órfão, como eu!

TAGANA (*Sussurra.*) – Ouve, eu acho que eles são os meus pais naturais... Naquele tempo, sabes como é...

EGAS – Eles fizeram voto de celibato!

TAGANA – Não fizeram de castidade!

EGAS – Podes fazer outra personagem. O Júlio, o filho, que é uma promessa do futsal.

PADRE (*Entra, seguido da MADRE.*) – Ó filho... sempre a trabalhar... mais devagar...

TAGANA – Vão-se embora! Eu falo com a Branca. Procurem a Manteigas! (*Disfarça.*) Pois. Tudo restaurado com a melhor tecnologia da Europa! Então adeus, obrigado...

PADRE – Assim as obras acabam num instante e tens de voltar para o desemprego!

MADRE – É o que eu estou sempre a dizer... ainda nos despedem por trabalhar demais. Isto não é a vida secular, filho, estás num convento, aqui as coisas têm outro tempo... Mais espiritual...

TAGANA – Bem sei, meu pai, minha mãe...É para termos alguma coisa para mostrar ao senhor presidente, quando ele vier.

PADRE – Quem eram aqueles?

TAGANA – São estudantes de arquitetura, do Porto.

PADRE – Ele estava naquela manifestação...

MADRE – Ela pode ser mãe dele!

PADRE – O que é que eles vieram fazer aqui?

TAGANA – Vieram ver as obras.

MADRE – Já sabes: nada de pressas. Uma restauração como deve ser. Nada de pressas para ir ter com os teus amigos do teatro. *(Depois de um silêncio, saem. TAGANA fica só. Entra BRANCA, a cavalo de um burro, com sacos de farinha.)*

BRANCA – Ó do mosteiro! Ó do mosteiro! Mas ninguém me ajuda?

TAGANA – Branca... Tu nem acreditas quem aqui esteve! O Egas! E está enorme, cresceu muito! Eu nem o reconhecia.

BRANCA – Ah! Nunca mais o vi! Esses garotos, vão para a universidade, nunca mais se lhes põe a vista em cima. Eu se o visse, não o reconhecia! Não me ajudas?

TAGANA – Sabes o que ele queria?

BRANCA – Não.

TAGANA – Tu nem queiras saber!

BRANCA – O que era?

TAGANA – Sabes lá!

BRANCA – Conta!

TAGANA – O puto escreveu uma peça. E tem papéis escritos para nós! Não são figurantes. Não são papéis secundários. Não são animais! São personagens principais! Protagonistas. Deixou o meu, queres ver? Não é como aquelas peças do Pêro Manco! São pessoas, pessoas como nós, com problemas, paixões, indecisões! Com pais e mães e filhos e sobrinhos e... Família! Tem uma personagem para ti, que quer emigrar!

BRANCA – E então? Onde é que ele se meteu?

TAGANA – Olha esta fala dela: Ao telefone, para o marido, que trabalha num banco. O banco foi à falência. Um cliché, mas passa: «Amor, — diz ela, a Anita — a nossa última cliente acabou de sair daqui. Não adivinhas quem foi? A tua gerente. Veio fazer a permanente. Aproveitou e deixou cair que iam acionar a penhora. Eu a querer fazer o styling e ela só falava no spread, no spread, no spread!... E tu não dizes nada, homem, não falas?» Aqui, ela começa a chorar e a gritar: «Eu sei que

estás no banco, que é o teu trabalho, que não podes pôr isso em causa, mas a filha da puta da tua gerente acabou de vir aqui destruir a nossa vida, Zé Manel!»

BRANCA – A gerente tem um caso com ele?

TAGANA – Tem tudo a ver contigo, acho que deves fazer. Mas eu... Bom, eu já estive a pensar e não pode ser. Eu estou muito bem aqui, muito melhor... Eu queria ir, mas a minha família...

BRANCA – Tagana... Já não tenho paciência para essa conversa. Só te tem prejudicado, essa tua ideia. Tu não tens pais. Aceita isso de uma vez por todas! És órfão. E não tem mal nenhum.

TAGANA – Não sou!

BRANCA – Não... o que é que tens no bolso?

TAGANA – Qual bolso?

BRANCA – No forro!

TAGANA – Nada. Está vazio.

BRANCA – Neste bolso, neste!

TAGANA – Dá cá isso!

BRANCA (*Revela um cartão cortado ao meio.*) – Não é um cartão cortado ao meio? Não andas sempre com ele? E eu não tenho uma chave? E a Manteigas um aerograma? E o Pêro um cravo? Queres ser melhor que os outros? Somos iguais!

TAGANA – Achas que somos irmãos?

BRANCA – Só se for quadrigémeos...

TAGANA – Podíamos ter o mesmo pai... e mães diferentes.

BRANCA – Tu foste deixado na roda, como eu, a Manteigas e o Pêro! Não te queres convencer!...

TAGANA – Não, não, isso foram só vocês... Eu nasci no mosteiro... Eu tenho pai e mãe!

BRANCA – Pai e mãe todos temos, só não sabemos quem são! Um dia, pode ser que apareçam... Um dia... se ainda forem vivos.

TAGANA – O meu pai é o abade, estou quase certo.

BRANCA – Para onde foi o Egas? E porque é que ele não te deixou a minha cópia do texto?

TAGANA – E a minha mãe é a madre.

BRANCA – Foi atrás da Manteigas? O Pêro ia para lá, com a Ágata!...

TAGANA – Eu sou tão meiguinho... Tenho a certeza que fui criado com muito amor. Onde é que há mais amor do que num mosteiro?

BRANCA – Anda, vamos, temos que ir ajudar o miúdo, se não ainda se pegam os dois por causa dessa galdéria.

TAGANA – Tenho a certeza.

BRANCA – Conta lá como é a Anita.

TAGANA – Tem dois filhos, o Júlio e a Esmeralda. Teve de vender o salão e agora atende na garagem. A mãe vive com ela. É muito misteriosa, a velha. Nunca abre a boca. O marido é que é o problema.

BRANCA – Ah é?

TAGANA – É.

BRANCA – Essa história não me é estranha.

PADRE (*Entra, seguido da MADRE.*) – Uma peça de teatro!?

MADRE – Pede-lhe o papel.

PADRE – O texto!

TAGANA – Que texto?

MADRE – A peça que o teu amigo escreveu. Onde está? Quero ver com os meus próprios olhos a figura que vais fazer...

PADRE – Lê, lê aqui à minha frente, que eu quero ouvir da tua boca as palavras que vais dizer...

MADRE – Não lê? Leio eu! «Anita, a tatuagem não é só uma arte, é uma filosofia de vida. Tens de conhecer o corpo do outro, saber onde corre o sangue, onde a pele respira, onde o desenho vai ganhar forma e como vai envelhecer com o tempo. O tatuado vive com a marca que lhe fiz no corpo. Tens de amar o desenho que escolheres como amas o teu marido. É como se tivesses de fazer amor com a mesma pessoa para sempre.»

PADRE – É este tipo de teatro que tu andas a fazer!?

TAGANA – Pai, mãe, não!!

PADRE – Não me chames assim, que eu não te chamarei mais... não te chamarei mais meu... meu... filho...

MADRE – Depois de tudo o que passamos para te criar...

BRANCA – Ele é vosso filho natural?

MADRE – Era como se fosse...

TAGANA – Eu sou vosso filho!

PADRE – Nasceste da roda, e à roda tornarás.

TAGANA (*Chora.*) – Eu não sou filho da roda...

PADRE – Pega nas tuas coisas, pega nessa mulher, e parte para não mais voltar! As obras do mosteiro levo eu daqui para a frente. E depressa, que isto estava a andar muito devagar! Esta parede — estuque! Este chão — cimento. Na sacristia, pladur, pladur, não se pensa mais nisso. Vou ligar à Vilhemina. Se o presidente vier hoje, faço questão que venha ver as obras (*Saem.*)

MULHER 1 (*Entra, com as MULHERES.*) – Não se pode rezar em paz. Que mal lhes fez o teatro? Não é obrigatório.

MARIA – São ciúmes, querem ser só eles a pregar e a dar espetáculo.

MULHER 2 – E ele foi mesmo deixado na roda?

MARIA – Não viste o cartão dourado?

MULHER 1 – E que tem esse Pêro contra o Egas? Ele é assim tão mau ator?

MARIA – Apanhou os dois, o Egas e a Ágata, sozinhos em casa. Ferido pelos ciúmes de tio, proibiu a moça de ver o moço.

MULHER 3 – Isso já não se usa...

MULHER 1 – Mas os homens são assim, vivem no tempo passado. Se não fossem as mulheres, nunca o mundo andava para a frente.

MULHER 2 – Mas ela é mesmo sobrinha dele?

MULHER 3 – Então não é?

MULHER 2 – Ele não nasceu na roda?

MULHER 3 – Ele e os outros. Mas toda a gente sabia quem eram os pais e, por conseguinte, de quem eram filhos e de quem eram irmãos. E, por conseguinte, de quem ela era sobrinha e de quem ele era tio. Por conseguinte: um do outro.

MULHER 4 – Isto a mim lembra-me uma coisa que uma vez me aconteceu.

MULHER 1 – Muda o disco, não comeces, estou farta dessas histórias, são sempre as mesmas!...

MULHER 4 – Não te ia contar história nenhuma. Vou lá para fora, para, quando começar o baile, arranjar um bom lugar!

MULHER 5 – Mas tu vais ao baile para bailar ou para ficar sentada?

MULHER 4 – E quando me cansar das pernas? Até me lembra uma história...

MARIA – Chiu. (*Escondem-se.*)

VILHEMINA (*Entra, com ÁGATA.*) – Ó filhota, mon choux, isto está impossível, quase não há paredes! Il n'y a pas de paredes! Onde é que vamos fazer a projeção laser?

ÁGATA – Metemos uns andaimes e umas telas.

VILHEMINA – Mais andaimes? É a solução para tudo, é andaimes! Não tenho mais andaimes! Non plus! Plus de échafaudages! Já temos andaimes pour les fêtes, andaimes no quartel dos pompiers, andaimes no altar de l'église, andaimes

no palco do teatro Almeida Garrett... daqui a pouco até dans ma chambre tenho andaimos em vez de mon lit!

ÁGATA – Mas madrinha... Se quer usar o laser no mosteiro velho...

VILHEMINA – Centre Culturel Trans-disciplinaire du Mosteiro de São Salvador! Não aprendeste nada lá fora, filhota, mon choux!? E ton oncle, où est-t-il que não atende? (*Ao telefone, deixa mensagem.*) Onde estás tu, que não te vejo, Pêro Manco?

ÁGATA – Ele já vem a caminho, veio a pé, pelo lameiro.

VILHEMINA – Mas como é que uma pessoa é responsável pela animação de espaços históricos e não atende o telemóvel?

PÊRO MANCO (*Entra.*) – Boas tardes, donzelas!

VILHEMINA – À tua espera!

PÊRO MANCO – Ah, mas quem espera...

VILHEMINA – Quando é que a Manteigas tira a vacaria da ala norte do mosteiro?

PÊRO MANCO – Vilhemina, já tenho uma estratégia. Escrevi uma peça. De Natal. A vacaria pode ser o cenário. Assim já não precisamos expulsar a Manteigas.

VILHEMINA – Não quero peça nenhuma! Eu só quero luzes, música e baile... no máximo, um desfile — um desfile qualquer!

PÊRO MANCO – É a maneira mais fácil, aproveitar o que temos para atrair o turismo... O presidente vai gostar! E escrevi um papel de propósito para ti.

VILHEMINA – Deixa cá ver isso.

PÊRO MANCO (*Distribui cópias.*) – Ainda só tenho o resumo. A maior parte é improvisação. Comédia dell'arte.

ÁGATA – “Auto da Ceia de Natal”... As personagens são só animais?

PÊRO MANCO – Não é cómico?

ÁGATA – Parece a peça de natal da escola de hotelaria! Só faltam as batatas e os grelos!

VILHEMINA – O peru, o cabrito, o polvo e o bacalhau?

PÊRO MANCO – O Bacalhau é o principal!

ÁGATA – Já mostraste isto a alguém? Há mais cópias?

PÊRO MANCO – Não, fiz só estas...

ÁGATA – Vamos fazer de conta que nem estas fizeste.

PÊRO MANCO – Mas, filha, vai funcionar, vais ver...

ÁGATA – Para que é que eu andei a estudar, tio? Para fazer imitações de animais?

PÊRO MANCO – Tirem vocês de lá a Manteigas, então!

VILHEMINA – E como é que tu ias conseguir isso, simplement avec du theatre!?

PÊRO MANCO – Se tu fizeres o peru, Vilhemina, e tu, filha, o cabrito, e eu, Pêro Manco, o polvo, quem faz o bacalhau? A Manteigas! O papel principal!

ÁGATA – Há quanto tempo não lhe falas?

PÊRO MANCO – Eu peço-lhe desculpa por tudo.

VILHEMINA – Desculpa de quê?

PÊRO MANCO – São umas histórias do passado. Vão ver. Ó Manteigas!
Manteeeeeeigas!

MORDOMO (*Saindo da casa, para PÊRO MANCO.*) – O que deseja vossa senhoria?

PÊRO MANCO – Vossa senhoria deseja a vaqueira. Falar com ela. Faça o favor de anunciar a visita de Pêro Manco e Vilhemina Paga-Pão. (*O mordomo entra na vacaria.*)

MORDOMO (*Anuncia MANTEIGAS.*) – A menina Manteigas.

MANTEIGAS – Alfredo, informe as visitas que não tenho muito tempo, pois deixei a vaca a meio da ordenha.

PÊRO MANCO – Manteigas, querida! Há que tempos! Estás na mesma!

MANTEIGAS – Alfredo, requeira ao senhor Pêro Manco as razões da sua visita.

PÊRO MANCO – Diga à menina, Alfredo, que a venho convidar para entrar num espetáculo de teatro: um auto de natal.

MANTEIGAS – Alfredo?

MORDOMO – O senhor Pêro deseja convidar vossa senhoria para um auto de natal.

MANTEIGAS – Alfredo, diga ao senhor Pêro... (*Entrando na casa.*) Para ir ver se estou no lameiro.

VILHEMINA (*Detém MANTEIGAS.*) – Alfredo, reitere à proprietária de la vache que, pela última vez, esta propriedade é pública, e ela tem de levar a pecuária para outra loja. O mosteiro não é vacaria, por muito velho e abandonado que esteja.

MANTEIGAS – Por favor, Alfredo, comunique, a quem possa interessar, que a ala norte do mosteiro foi ocupada quando se encontrava deserta e arruinada, depois de ter sido abandonada por todos, no tempo das lutas liberais, em 1834, e desde então tem passado de geração em geração. A ocupação está ao abrigo da lei de usucapião.

VILHEMINA – Alfredo, explique lá à moça que tem de desamparar a loja — no sentido literal.

MANTEIGAS – Alfredo?

MORDOMO – A proprietária da loja pretende que a vaca da proprietária...

MANTEIGAS – A proprietária da loja?! E onde está o título de propriedade da proprietária da loja?!

VILHEMINA – Onde está? Este mosteiro foi cedido por D. Mafalda à ordem beneditina, e voltou para coroa no séc. XX. Pertence ao Estado. Ala norte, ala sul, ala... todas! Como é que pode ter passado de geração em geração, se toda a gente sabe que esta senhora foi deixada na roda, e não conhece os seus progenitores? Toda a gente sabe que ela não tem herança.

MANTEIGAS – Fui deixada na roda, sim. Mas a minha vaca, que viveu aqui toda a vida, descende em linha direta de um touro oferecido por Egas Moniz a

D.Mafalda, filha de D. Sancho e neta de D. Afonso Henriques, quando ela era pequenina. Tenho aqui a papelada toda! Querem desalojar um animal tão nobre, que ainda por cima trabalha, e dá de comer a uma dezena de portugueses?

VILHEMINA – C'est incroyable! Toda a gente me conhece aqui, sabe quem eu sou, nunca esperei ser atacada desta maneira... Tenho de concordar, é uma bela atriz, sim, senhora! Pêro Manco, se queres manter ton boulot, tira-me esta mulher daqui, por favor. E fazas como fizeres, eu não contraceno com ela na mesa da consoada. Je ne joue pas avec une vache como celle-ci! (*Sai.*)

PÊRO MANCO – Manteigas... Acreditas mesmo nessa história?

MANTEIGAS – E porque não? Se é para viver de ficção e representar um papel falso, este não me fica nada mal.

PÊRO MANCO – Mas ao menos ouve a minha ideia para o auto de natal!

MANTEIGAS – Ó homem, mas quantas vezes nós já não fizemos um auto de natal? A história é por demais conhecida! E acaba mal, ainda por cima, crucificam o menino antes de chegar à Páscoa!

PÊRO MANCO – Mas esta é diferente! É a ceia de natal do ponto de vista de quatro animais oprimidos: o peru, o cabrito, o polvo e o bacalhau.

MANTEIGAS – Espera, deixa-me adivinhar: eu faço de bacalhau! Não, nem pensar... Escreve outra coisa! Uma peça real!

PÊRO MANCO – Sobre uma atriz que se tornou leiteira?

MANTEIGAS – Leiteira e fidalga — porque não?

PÊRO MANCO – Isso só nos contos de fadas.

EGAS (*Entra, com MARIA.*) – Eu tenho uma peça assim.

PÊRO MANCO – Estás aqui?

EGAS – Os velhos pediram-me para te encontrar.

PÊRO MANCO – A mim?

EGAS – A ti.

PÊRO MANCO – E já encontraste, ou não?

EGAS – Não sei. Encontrei?

PÊRO MANCO – Depende do Pêro Manco que procuras. Se é aquele que um dia recolheu um putto da rua, lhe deu um pão e um par de sapatos, e o levava pela mão e ao colo para todo o lado, não procures mais. Esse morreu e está enterrado...

EGAS – Onde? Gostava de saber para poder visitá-lo.

PÊRO MANCO – Não se sabe. Obrigaram-no a uma campa rasa, sem nome nem epitáfio, num lugar escondido. Pode estar em qualquer cemitério da região. Antes de o enterrarem, mostraram-no em praça pública, durante anos, para servir de exemplo, em cada uma das terras onde houvera atuado. Foi deixando pedaços de si, enrolados no pano-cru que vestia, ensopado de sangue, lembrando o traje de bobo que lhe era como uma segunda pele. Finalmente, para que não amasse mais, tiraram-lhe o coração e deram-no a comer aos pássaros e aos peixes. Se olhares para cima, talvez vejas um falcão a voar com um pouco dele nas garras. Se olhares para baixo, talvez o vejas na boca de uma enguia.

EGAS – E como sabes tudo isso?

PÊRO MANCO – Contou-me um homem, que o conheceu, e que percorreu os mesmos caminhos, dormindo ao relento, fazendo o seu manjar com pão e uvas.

EGAS – Percorrerei os rios a resgatar as relíquias do santo que ele era quando pisava as tábuas do palco. Falarei com as generosas cegonhas para reaver o generoso coração que ele tinha e pedirei ao rei dos sáveis instruções para encontrar esse outro rei. Escavarei os cemitérios até reunir e deixar em paz um homem que era inteiro na vida e que merece estar inteiro na morte. Correrei, nadarei e voarei, contra as leis da física, mas pelas leis da vida, para homenageá-lo na morte, mostrando a gratidão que lhe devo, senão ao homem morto, pelo menos aos homens vivos.

PÊRO MANCO – Os vivos gostarão de saber.

EGAS – E tu gostarás de saber que os teus atores te procuram.

PÊRO MANCO – A mim?

EGAS – A ti.

PÊRO MANCO – Para quê?

MARIA – Para uma peça de teatro, home!

PÊRO MANCO – Manteigas, ouviste? Ágata, filha, eu não te dizia, que a minha sorte ia mudar? Vamos voltar a reunir o grupo. Egas, calha mesmo bem, acabei de pensar num auto de natal novo!

EGAS – Mas... Não... eu já tenho um rascunho de uma peça.

PÊRO MANCO – Qual é o título?

EGAS – Âncoras e Andorinhas!

PÊRO MANCO – Péssimo! Fazemos a minha: Auto da Ceia de Natal.

EGAS – Não queres ouvir a história? Tu fazes de empregado bancário.

PÊRO MANCO – Empregado bancário!

EGAS – A tua mulher é cabeleireira. E ela teve de entregar o salão ao banco, porque não aguentava as prestações. O banco no qual tu trabalhas! É a contradição.

PÊRO MANCO – Isto é um absurdo!

EGAS – Tu andas preocupado. Ela culpa-te. E sente-se culpada por te culpar. E vocês já não... É complicado.

PÊRO MANCO – Não podias pensar numa coisa mais alegre?

EGAS – Ela instala o cabeleireiro na garagem de casa. É onde tu te encontras com os amigos. A situação piora. Ela quer emigrar. Tu não queres.

PÊRO MANCO – Achas que é isso que as pessoas querem?

EGAS – Tu não gostas, Manteigas? Tinha pensado que podias fazer a sogra do empregado bancário...

MANTEIGAS – E qual é a diferença entre o bacalhau e a sogra de empregado bancário!?

PÊRO MANCO (*Irónico.*) – Manteigas, eu estive a pensar. Talvez pudéssemos

contar a história de uma vaqueira, um monge, uma moleira e um... palhaço, que é o que eu sou... um palhaço! Contávamos a história destes quatro, assim, a seco. Os quatro órfãos. Conheceram-se no mosteiro, tinham sido recolhidos na roda dos enjeitados. Cada um com uma metade de um objecto, uma carta cortada ao meio, uma trança, algo deixado pelos pais, que ficavam com a outra metade para quando... se um dia... Enfim... Cresceram... Quando começaram a dar problemas três foram expulsos, todos menos um... Que era o favorito. Deram por si na rua a pedir. O quarto, que ficou no convento, não aguentou as saudades e fugiu, foi ter com eles. Como é que eles iam ganhar a vida? Da melhor maneira que sabiam... A fazer autos de Natal e de Páscoa, que era o que eles faziam no convento. E com uma história ouvida no confessionário aqui, uma cantiga aprendida acolá, um episódio da bíblia que metesse uns diabinhos e mais uma anedota picante roubada aos clássicos gregos e latinos, lá se compunham uns entremezes... E assim iam ganhando a vida. Toda a gente os queria ver e ouvir... Vamos fazer essa peça, Manteigas, vamos? Não! Alguém se ia interessar pela nossa história? Temos é de contar fantasias, puto, fantasias! Se eu quiser contar uma história de amor, tenho de contar que o jovem galã morre de amores pela princesinha, e não que ele a quer levar para a alcova só para mostrar aos outros que já é homem! Ou não é? Mas a verdade é que ele só se quer aproveitar da moça! E depois, quando estiver satisfeito, vai trocá-la por outra qualquer... e ela, triste e sozinha... Não, não, não... A minha sobrinha não é para o teu bico! E vais pô-la a fazer que papéis? Que papéis?

ÁGATA – Tio, já não sou uma criança. Quero saber o papel que o Egas tem para mim!

PÊRO MANCO – Filha...

ÁGATA – Posso escolher a peça que mais me agradar?

PÊRO MANCO – Mas tu ias fazer o cabrito!

EGAS – Eu para ti, tinha pensado o papel da Esmeralda, a filha do Zé e da Anita. É cantora na banda do namorado e é chave para o desenlace final.

PÊRO MANCO – Tu não fazes o namorado nessa peça de teatro!

VILHEMINA – Eu estive aqui a ouvir, caladinha, o tempo todo, mas já chega. Ninguém vai fazer de namorado nenhum em peça de teatro alguma porque só vamos ter luz, música e, no máximo, um desfile. Pode ser da Manteigas com a vaca, da Branca com o burrico, do Pêro com o peru, o cabrito, o polvo e o bacalhau, mas um desfile. Podemos começar o ensaio? *(Toca o telemóvel. Atende.)*

Com licença. Sim? Muito bem, muito bem. *(Para todos.)* O presidente já não vem. Mas vem o primeiro-ministro. Estava a caminho de Vila Real e decidiu passar aqui. Fica cerca de uma hora. Podemos? *(Toca o telemóvel. Atende.)* Alô? Ah. Ok, ok... *(Para todos.)* Mudança de planos. O primeiro-ministro não pode vir, mas manda o ministro da agricultura, que vinha com ele. Vai ficar 40 minutos connosco, temos de aproveitar. Começamos? *(Toca o telemóvel.)* Alto! *(Atende.)* Sim. Ah... Claro, claro... *(Para todos.)* Afinal quem vem é o secretário de estado da cultura! Foi um engano. É melhor, assim. Confesso que estava a ficar um pouco desiludida, apesar das vacas. Só tem meia-horinha, temos de aproveitar. *(Toca o telemóvel.)* Alto, alto, alto! *(Atende.)* Sim, a própria. Muito bem. Claro. Bom, se tem de ser... Certo. Então fico à espera. *(Para todos.)* O secretário de estado já não vem, mas manda o presidente da comissão de coordenação, a directora regional e três, três presidentes da câmara. Só têm quinze minutos, temos de aproveitar. Tocamos uma rapsódia e fazemos uns efeitos com o laser. *(Toca o telemóvel. Atende.)* Sim! Sim... Não é possível... mas mesmo agora falei com o gabinete do senhor ministro... Era só seguir as placas. As antigas, as outras vamos inaugurar quando chegarem... Está lá? Está lá? *(Para todos.)* Enganaram-se no caminho e com o desvio gastaram o tempo que tinham.

PÊRO MANCO – Não tem nada que saber! Enganaram-se onde? Passa-me o telefone que eu explico-lhes. Queres que os vá buscar?

VILHEMINA – *(Toca o telemóvel. Atende.)* Sim? Sim. Sim, sim. Sim... Não, não, laser. Não é videomapping, é laser. Não fizemos nada. Não, não, não! Sim. Não. Sim. Não. Sim. Sim. Sim. *(Para todos.)* Bom. Agora era o inspetor-geral das atividades culturais. Temos de ter licença para fazer animação em monumentos classificados que estejam em obras... em especial se tiver raios laser. Não está previsto na lei. Agora usa-se o videomapping. Parece que há uma multa. Para o mapping.

PÊRO MANCO – E estas pessoas todas? Vão para casa sem ver nada?...

VILHEMINA *(Olhando em volta.)* – Vamos ter que fazer uma vaquinha.

MANTEIGAS – Onde está a fortuna da herdeira, agora?

VILHEMINA – Queres ver uma coisa, Manteigas? *(Mostra uma carta cortada ao meio. Para todos.)* Eu cheguei depois de vocês, mas a história é a mesma. Sou tão herdeira quanto vocês. Herdeira da má sorte.

MARIA – E agora?

PÊRO MANCO – Se esta gente que aqui está nos quisesse ver...

BRANCA – Quem ficou com o texto?

PÊRO MANCO – A cinco euros a cabeça, fazíamos um dinheirão.

BRANCA – Esta cópia não tem o fim.

MANTEIGAS – Ó Egas, conta lá como é o fim da história.

EGAS – É que eu ainda não... Sei lá... Não sei o que vai ser de mim, quanto mais de nós...

PÊRO MANCO – Podíamos fazer a peça à mesma.

MARIA – Agora?

TAGANA – Estou farto de fazer peças de animais!

PÊRO MANCO (*Pega no texto.*) – Deixa cá ver. Isto lembra-me uma história... A minha história, quando parti daqui pela primeira vez...

BRANCA – A nossa história.

TAGANA – Fazemos esta peça do puto! E passamos o chapéu...

PÊRO MANCO – Mas isto não está acabado!

BRANCA – Improvisamos o fim.

ÁGATA – Tio, por favor... eu sempre quis entrar num musical...

PÊRO MANCO – Pelo menos vamos ler, talvez dê para improvisar... Tomem os vossos papéis. Estudem isso durante uns minutos. Decorem o melhor que puderem, mas concentrem-se no enredo, para poderem improvisar as cenas, que depois as palavras podem mudar mais ou menos. Anita, a cabeleireira de vão de escada, é feita pela Branca. A Mãe da Anita é a Manteigas. Esmeralda, a filha, é a Ágata. Vais cantando durante as cenas, é uma espécie de banda sonora. José, o marido, o tal bancário, sou eu. João, o vendedor... precisamos de mais um ator... faz a Vilhemina, por agora. Joaquim, o tatuador, Tagana. Júlio, o filho, jogador de bilhar, é o Egas. (*Afastam-se todos para estudar os papéis.*)

EGAS – Mas ele nem fala! O meu papel era do namorada da... (*Não termina.*)

MARIA – Serão estes os nossos filhos? Deixados na roda por nós ou por outras mães, que diferença tem?

MULHER 1 (*Entra, seguida pelas outras MULHERES.*) – Será este o meu filho, deixado no convento das Mónicas, em 1960, antes da guerra, com a capa, a noite, a tatuagem da Guiné, metade de um aerograma, para o poder encontrar mais tarde?

MULHER 2 – Será esta a minha filha, deixada na roda do mosteiro de São Bento, em 1973, antes da revolução, com a casa, a terra, o trabalho, metade de um cravo?

MULHER 3 – Será esta a minha cria, deixada na roda da Igreja da Trindade, em 1986, antes da Europa, com o mar, o carro, o tanque atestado, metade de uma chave?

MULHER 4 – Será este o meu rebento, deixado na roda da Igreja da Lapa, em 1999, antes do fim do mundo, com os saltos altos, a água de colónia, e metade de um cartão dourado?

MULHER 5 – Será esta a minha prole, deixada na roda do Mosteiro do Salvador, em 2014, durante a austeridade, com mala, o cinto, o passaporte, e metade de uma dama de copas?

MARIA – Será ele o meu menino?

PÊRO MANCO – Tudo pronto? Âncoras e Andorinhas, de Egas, cena um: Sonhos de Menino.

JOÃO (VILHEMINA) – Eu só quero saber uma coisa: o que é que faço às 40 caixas de champô cabelos-dourados-e-caracóis-soltos que tenho lá em casa? Vai tudo fora? Aquilo vale muito! Quem é que me ajuda a pagar!

ZÉ MANEL (PÊRO) – João. Ouve uma coisa. Depois do concerto, vais ter dinheiro para criar a tua própria marca de champôs, se quiseres, João! Champô João das Neves! Champô das Neves! Queres melhor? Por isso é que só podemos tocar o que as pessoas querem ouvir! Tem que estar tudo pregado de olhos no palco até à última, a pediram os encores, a gritar bis! E para conseguir isso, não é com música erudita que lá vais. Pimba!

JOAQUIM (TAGANA) – Mas pimba de qualidade!

ZÉ MANEL (PÊRO) – Esse é o nosso conceito. Tem que ficar tudo a chorar por mais.

JÚLIO (EGAS) – Ainda arranjas namorada, pá.

ZÉ MANEL (PÊRO) – É à hora que a carrinha chega, e é o álibi perfeito. Ninguém vai dar por ela. Quando eu começar o solo, vocês arrancam, pegam nas garrafas de água e saem como quem não quer a coisa, é assim que eles fazem nos concertos. Têm cinco minutos. A Esmeralda e eu entretemo-los.

JOÃO (VILHEMINA) – Tá bem! Eu só não compreendo porque é que a canção há-de ser o Sonhos de Menino. Não acho bem. Parece que é o único artista que há neste país. Acho criminoso, ouviste?, criminoso!... o destaque e a divulgação que dão a esse...

ZÉ MANEL (PÊRO) – E assaltar um banco não é criminoso, também? Então deixa lá, não há-de agravar muito a moldura penal.

JOÃO (VILHEMINA) – Olha, prefiro mil vezes, ouviste?, mil vezes assaltar o banco, do que tocar essa música! Por que é que há-de ser essa?

TODOS – Para as pessoas estarem atentas!

JOÃO (VILHEMINA) – Ainda se fosse Marco Paulo...

ZÉ MANEL (PÊRO) – Tem de ser uma música que a minha filha saiba cantar... Não a quero aqui nos ensaios com vocês! E tem de ser ela a cantar, para libertar o Júlio! Atenção. A Esmeralda não pode saber de nada, senão fica nervosa, ainda me desafina e é um vê se te avias! Nem ela nem a minha mulher! A mãe não há problema, que ela nunca abre a boca, nunca diz nada, há vinte anos que a conheço mal me dirigiu a palavra. Mas nós vamos precisar dela. Vamos ensaiar a canção. (*Tocam «Sonhos de Menino» e seguem.*)

PÊRO MANCO – Cena dois... Vinte e Quatro Rosas!

ANITA (BRANCA) – Foste tão cuidadoso com as gémeas... elas nem um ai... quer dizer, fartaram-se de suspirar, mas foi por tu as picares... E nem se mexiam... Quando lhes corto o cabelo não param quietas...

JOAQUIM (TAGANA) – É só ir com jeitinho.

ANITA (BRANCA) – Não percebo como é que tu, que és tão sensível e observador,

nunca reparaste na minha tatuagem... é por ser muito fora-de-moda, não é?

JOAQUIM (TAGANA) – É porque a trazes escondida.

ANITA (BRANCA) – Já te pedi tantas vezes...

JOAQUIM (TAGANA) – Nunca me disseste onde está.

ANITA (BRANCA) – E se eu ta mostrar agora... fazes qualquer coisa com ela?

JOAQUIM (TAGANA) – Hoje? Já não há tempo... O teu marido deve estar a chegar. Temos ensaio daqui a bocado.

ANITA (BRANCA) – Nem ao menos uma vista de olhos?

JOAQUIM (TAGANA) – Mostra lá.

ANITA (BRANCA) – Ai, cuidado, que me arrepias. Vou ficar com pele de galinha.

JOAQUIM (TAGANA) – O que é isto? Meia âncora e meia andorinha? Ahhh... Mas tu tens uma tatuagem tão linda... Esta âncora está muito bem feita...

ANITA (BRANCA) – Quero uma por cima dela.

JOAQUIM (TAGANA) – Tens que perceber... Eu não faço tatuagens old school. Não é o meu género. Mas admiro muito. E essa está tão perfeita...

ANITA (BRANCA) – Não, eu preciso de mudar qualquer coisa nela... e há muito tempo que invejo as tuas clientes... saem daqui tão lindas, tão satisfeitas...

JOAQUIM (TAGANA) – Sei lá o que é que ia tatuar em cima dessa âncora...

ANITA (BRANCA) – Podias tatuar passarinhos, corações, rosas... (*Cantam «Vinte e Quatro Rosas» em dueto, e seguem.*)

PÊRO MANCO – Cena três... Vais Partir!

MÃE (MANTEIGAS) – Mas ó filha, ele sempre cuidou de ti... Eu não gosto dele, nunca gostei. E até hoje está-me atravessada na garganta essa tatuagem horrorosa que ele te obrigou a fazer, ainda nem tinhas tu catorze anos, eras um anjinho, o meu anjinho... Mas quando vocês fugiram juntos, toda a gente sabia onde estavam, veio pai, veio mãe, vieram as tias todas dele, voltaram passado uns dias como era de costume, eu disse logo ao teu pai, deus o tenha, este rapaz,

Virgulino dos Anjos, foste tu que o mandaste, ele não é bom, não gosto dele, mas pelo menos faz as coisas como deve ser. Bom não é, mas faz bem o que faz. Só a tatuagem... Uma âncora feia e grossa... no meu anjinho, ainda nem tinha catorze anos... eu quero lá saber que ele tenha andado no mar... O teu pai também, e nunca me obrigou a fazer uma dessas; também se me obrigasse... han, han... O teu pai era um homem lindo. Ainda bem que não o conheceste, senão ias logo derreter-te toda, tu também, não podes ver um par de calças. Isso é que era um homem, deus o tenha.

ANITA (BRANCA) – Já não dá, Mãe, não consigo respirar, ele sufoca-me...

MÃE (MANTEIGAS) – Sufocar, não sufoca, que eu não ouço nada.

ANITA (BRANCA) – A mãe devia dormir à noite.

MÃE (MANTEIGAS) – Eu... já estou para velha, durmo depois. O teu problema é que ele não te abafa. Mas também, com as preocupações...

ANITA (BRANCA) – E a banda, mãe, a banda... Aquilo é coisa de homem? Sonhos de Menino?

MÃE (MANTEIGAS) – Cala-te lá. Nem sei o que vêm nesse cantor essas mulheres todas. Não conheceram o meu Virgulino dos Anjos, deus o tenha, senão... derretiam-se todas.

PÊRO MANCO (*Interrompendo.*) – Cena quatro... Felicidade!

ZÉ MANEL (PÊRO) – Mas hoje é o último dia, o dia do concerto, Anita. Tens que ir embora logo hoje? Espera mais umas horas. Amanhã volta tudo ao normal... Acabam-se os ensaios, já está, pronto... não há outros concertos, juro. Com o dinheiro deste pagamos o que devemos ao banco...

ANITA (BRANCA) – Já esperei demais, Zé. Há quantos dias não te ponho a vista em cima? Eu nem sei se o que tu andas a fazer na cave é ensaiar ou não, por mim até podes andar a dormir fora de casa que eu nem sei. E as minhas coisas todas postas a um canto da garagem... Eu não aguento, eu sou uma mulher madura, na força da idade, quero trabalhar, quero fazer o que sei, ganhar a vida sem ficar a dever nada a ninguém...

ZÉ MANEL (PÊRO) – Mas porquê hoje?

ANITA (BRANCA) – Calhou hoje. A minha prima vai para a Suíça hoje, tu já sabias,

há um mês que te ando a tentar falar disso... olha que se calhar podíamos ir com a minha prima, poupávamos o dinheiro da viagem, ela já se ofereceu para nos ajudar...

ZÉ MANEL (PÊRO) – Mas vamos depois, os dois.

ANITA (BRANCA) – Nós não temos dinheiro para a viagem! (*Pausa.*) E ela soube pelo patrão que estão a precisar de mais uma pessoa. Já lhe falou de mim. E o patrão dela é boa pessoa, ela está sempre a dizer.

ZÉ MANEL (PÊRO) – Eu peço dinheiro no banco para a viagem. Pelo menos para a viagem eles devem emprestar. Ou despeço-me, acerto as contas, deve dar para nos aguentar.

ANITA (BRANCA) – Não! Isso é uma estupidez! Tu tens que te agarrar ao teu emprego. Vou eu à frente. Depois, tu...

ZÉ MANEL (PÊRO) – E quando é que nos vamos voltar a ver?

ANITA (BRANCA) – Não sei. Sei que vou. Vou. Tenho de ir.

ZÉ MANEL (PÊRO) – E quando voltas?

ANITA (BRANCA) – Volto... quando puder. Quando pudermos ser felizes. (*ZÉ canta «Felicidade». Seguem.*)

PÊRO MANCO – Cena cinco... Maravilhoso Coração! O concerto. Isto vamos ter de mudar...

ZÉ MANEL (PÊRO) – E agora, para acabar, quero convidar para subir ao palco e cantar connosco esta canção... a minha jóia, a minha pedra preciosa, que só perde para a mãe... a minha Esmeralda!

ESMERALDA (ÁGATA) – Obrigada! Eu queria agradecer a todos a vossa presença, e confessar-vos que esta é a noite mais feliz da minha vida, da minha curta vida, por poder não só ver em palco o meu pai, o meu irmão, o meu namorado e o meu padrinho... Mas também cantar para eles uma canção que estou certa a todos nos faz recordar os tempos em que fomos felizes...

JOÃO (VILHEMINA) – Não é essa, é o Coração Maravilhoso!

ESMERALDA (ÁGATA) – E de como os nossos corações precisam uns dos outros!

(Começa a cantar «Maravilhoso Coração», mas desafina e interrompe.) Podem subir o tom?

JÚLIO (EGAS) – Pai... As pessoas estão a ir embora... e ainda nem chegamos ao solo...

JOAQUIM (TAGANA) – Devíamos ter cantado a outra...

JOÃO (VILHEMINA) – Não olhes assim para mim, ela é que está a desafinar!

ZÉ MANEL (PÊRO) – Eu vou ajudá-la. Continuem. (ZÉ MANEL avança para cantar com ESMERALDA. Abre a camisa, revelando a outra metade da tatuagem.) Eu queria agora cantar um inédito original que compus em homenagem à mulher mais bonita deste baile, desta terra, do mundo inteiro! Anita! Aconteça o que acontecer, vou contigo! Chama-se «Coração Tatuado». (Canta.) «Tu ficaste no meu peito / Como se fosses tatuada / Eu deixei, agora aceito / Mesmo desactualizada...»

JOAQUIM (TAGANA) – Bela tatuagem... É a metade da tatuagem da Anita...

ZÉ MANEL (PÊRO) (Canta.) – «Eu antes era selvagem / Agora fui amansado / A pele foi tatuada / E o meu coração marcado...» (Em surdina, para os outros.) Avancem, avancem... a carrinha deve estar a chegar... pensem na caixa multibanco cheia de dinheirinho... Vá, vá, vão! (Canta.) «A fortuna anda à roda / O amor vai e vem / Mesmo fora de moda / Essa tatoo fica-me bem... // Não é sereia, serpente / Andorinha, âncora, arpão / É uma tatuagem que sente / No meu, o teu coração!...»

JÚLIO (EGAS) (Regressa, com VILHEMINA e TAGANA, carregados.) – Vamos!

MARIA – Espera, filho, leva isto contigo! (Entrega-lhe metade de uma foto recortada.)

JOÃO (VILHEMINA) – Rápido!

JOAQUIM (TAGANA) – Corram!

ESMERALDA (ÁGATA) – Eu estrago sempre tudo...

ZÉ MANEL (PÊRO) – Deixa, filha, é melhor cantar mal do que chorar bem. Olha, tu também vens para a Suíça! (Saem a correr.)

MADRE (*Entra, com PADRE.*) – Para onde é que eles foram?!

MARIA – Não vi ninguém.

PADRE – Arrombaram o cofre-forte! Roubaram o tesouro do mosteiro! Os fundos europeios! Até levaram a caixa de esmolas!